



HOBSBAWM, INTÉRPRETE DO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA
HOBSBAWM, INTERPRETER FROM GUIMARÃES ROSA'S BACKLANDS

Everton Luís TEIXEIRA¹  

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Entre os caminhos metodológicos que envolvem a História e a Literatura, este trabalho examina a formação e dissolução de grupos sociais reformadores no interior das culturas sertanejas no século XX mostrado por Eric Hobsbawm em obras como *Bandidos* (1969) e por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas* (1956). Na proposta desse diálogo busca-se a ampliação também da vereda interpretativa do romance rosiano tendo como ponto de partida o exame do “banditismo social” hobsbawmiano. Por outro lado, busca-se também contribuir com este ramo da historiografia trazendo à tona a figura do jagunço mineiro, amostra de proscrito social que escapou à classificação de Hobsbawm, mas que ainda assim obedece às tipologias estabelecidas por esse intelectual, embora a escrita rosiana as tenha embaralhado intencionalmente. Uma vez que estes dois observadores-participantes do século passado nunca foram postos devidamente em confronto, lança-se uma aproximação de ambos no intuito de avançar em direção a uma compreensão mais total do sertão brasileiro o qual, algumas vezes, rompe com a topografia nacional, erigindo algo maior, a saber: uma metonímia de todos os territórios ocidentais onde imperam a violência e os desmandos do Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Hobsbawm. Guimarães Rosa. História. Literatura. Século XX.

ABSTRACT: *Among the methodological paths that involve History and Literature, this work examines the formation and dissolution of social reformers groups within the countryside cultures in the 20th century shown by Eric Hobsbawm in works such as *Bandits* (1969) and Guimarães Rosa in *Grande sertão: veredas* (1956). In the proposal for this dialogue, the aim is also to expand the interpretative path of the Rosa's novel, taking as its starting point the examination of Hobsbawmian “social banditry”. On the other hand, we also seek to contribute to this branch of historiography by bringing up the figure of the jagunço from Minas Gerais, a sample of the social outcast who escaped Hobsbawm's classification, but which still obeys the typologies established by this intellectual, although Rosa's writing intentionally shuffled them. Since these two observers-participants from the last century were never properly confronted, an approximation of both is launched in order to move towards a more total understanding of the Brazilian hinterland which, sometimes, breaks with the national topography, erecting something bigger, namely: a metonymy of all the western territories where the violence and the excesses of the State reign.*

KEYWORDS: *Hobsbawm. Guimarães Rosa. History. Literature. 20th century.*

¹ Doutor e mestre em Estudos Literários pela UFPA. Professor das Literaturas em Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFPA no Campus Universitário de Bragança (FALE/CABRA/UFPA). E-mail: evertonveredas@gmail.com

Consciente de não poder me separar do meu tempo, decidi me incorporar a ele. Por isso, se dou tanta importância ao indivíduo é porque ele me parece ridículo e humilhado (Camus, 2019, p. 102).

Introdução

Dois fatores presentes nas representações da primeira metade do nem tão “breve” século XX, a saber: a negação de uma falsa mentalidade pacifista inata das zonas rurais e os fenômenos de eclosão e de esfacelamento de grupos de bandidos reformadores nas periferias do domínio capitalista, configuram-se no tema deste trabalho, o qual se assenta no território das interpenetrações mútuas encontradas no diálogo aberto entre as narrativas originadas pela historiografia e pela literatura e, em escala mais restrita, pelas perspectivas de Eric Hobsbawm (1917-2012) e de João Guimarães Rosa (1908-1967).

Tomados neste artigo como grandes “observadores-participantes” da história contemporânea, em suas respectivas áreas profissionais, os intelectuais acima citados se fazem intérpretes da época mais ambígua e violenta do Ocidente e auxiliam-nos a, metodologicamente, ampliar ainda mais os nossos limites acerca da leitura e da compreensão tanto das páginas estéticas elaboradas pelo ficcionista mineiro, quanto pelas da historiografia acerca do século passado e a forjadura de tradições no Ocidente examinadas pelo historiador britânico ao longo de mais de cinquenta anos de pesquisa.

A passagem do século XIX para o XX teceu as Eras mais espetaculares e igualmente as mais nebulosas da história humana, nessas experiências herdadas daquele “jardim imaginado da cultura liberal” (STEINER, 1991, p. 15) em que se configurou o século XIX foram rapidamente esquecidas e pulverizadas pela contemporaneidade. Deste legado melancólico constam, entre outras dádivas, a diplomacia e o altruísmo, esses valores chegaram ao seu declínio com a expansão do morticínio e da intolerância tanto na velha Europa, quanto nos mais distantes territórios campestres e rurais do planeta.

É evidente que nessa proposta de aproximação, destaca-se a impossibilidade de apreensão da totalidade global dos significados e signos sombrios do século passado tanto na esfera histórica quanto nos limites literários, uma utopia a ser evitada pela acolhida crítica de ambas as disciplinas. A leitura construída no presente artigo se volta então para uma demanda da “totalização progressiva” em que, como quer o medievalista Hans Robert Jauss (1921-1997), avançamos em direção à compreensão do todo sem jamais alcançá-lo em sua completude. Assim, seguindo a terceira formulação da Estética da Recepção jaussiana (1990-1997) — presentes em *Caminhos da*

compreensão (2012) — busca-se elucidar os sentidos envoltos nas narrativas de Guimarães Rosa e de Hobsbawm para visualizar a arquitetura de um panorama mais completo das experiências e mudanças vivenciadas na contemporaneidade do hemisfério.

No tocante à representação estética do *hinterland* forjada por Guimarães Rosa, entre os trabalhos mais recentes de sua recepção crítica, destaca-se a trilogia produzida por Luiz Roncari, a saber *O Brasil de Rosa* (2004), *O cão do sertão* (2007) e *Lutas e auroras* (2018) na qual se enfeixa curiosamente uma reprodução unicamente brasileira na escrita desse ficcionista, algo a que este estudo se contrapõe metodologicamente, haja vista que na leitura dialética proposta o(s) sert(ões)ão de Rosa — principalmente nas páginas do romance *Grande sertão: veredas* — é uma elegia menos pela perda de Diadorim do que por um desaparecimento universal das ilusões que o século XX nos legou, como conclui Riobaldo já idoso, abastado e, sobretudo, descrente da existência do Bem e do Mal absolutos reconhecendo, por fim, o triunfo do individualismo capitalista de que o que “[e]xiste é homem humano [em sua eterna] travessia” (ROSA, 1956, p. 594). Esse indivíduo global aparece, dessa maneira, catapultado para uma jornada rumo ao desconhecido como também denotou Eric Hobsbawm, trinta e oito anos depois de Guimarães Rosa, em sua leitura do século XX, transcrita no final de *Era dos extremos* (1994).

Coincidentemente, é no mesmo decênio da produção literária mais representativa de João Guimarães Rosa — com a dupla publicação, em 1956, de *Corpo de Baile* e de sua única investida pelo gênero romance — que o autor de *Tempos interessantes* (2002) torna público o resultado de seus estudos sobre o fenômeno social, o qual se deu com o surgimento dos grupos de bandoleiros, os quais tanto movimentaram a história e algumas das principais obras literárias da América Latina. É em *Rebeldes primitivos* (1959) que Hobsbawm forja a definição, tornada clássica nos Estudos Sociais, de *banditismo social*. Neste conceito, Eric Hobsbawm examina o percurso dos movimentos de resistência social no interior das zonas rurais contra a negligência do Estado às massas mais pobres. Esse fenômeno característico dos territórios arcaicos, inicialmente endêmico, fizera-se notável entre o desfecho do século XIX e a primeira metade dos anos de 1900, surgido quer de um apelo messiânico — tal como as revoluções protagonizadas por líderes milenaristas (vide, no território brasileiro, Antônio Conselheiro) —, ou por bandos armados que se levantaram das camadas rurais mais pobres contra as autoridades locais, agentes de um Estado vigente, cujas égides foram a força brutal e a barbárie.

Não obstante, o temário do cangaço nordestino e do banditismo social latino-americano ainda esperariam mais uma década para finalmente integrar a pauta de debates de Hobsbawm. Em 1969,

quase dois anos após a morte de Guimarães Rosa, esse historiador publica *Bandidos*, único livro — até a vinda a lume, em 2016, da coletânea *Viva la revolución* — em que deita seu trabalho sobre as moléstias socioculturais de um país contraditório como é o Brasil. São análises que, até os dias atuais, orientam a interpretação das origens sociais das crueldades desse modelo específico de *outlaw* oriundo das porções mais esquecidas pelas sociedades de mercado.

Figuras ambíguas da História nacional como Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (1898-1938), — o qual foi igualmente objeto de pesquisa de Guimarães Rosa na primeira metade dos anos de 1950 —, na leitura social de Eric Hobsbawm, fornecem-nos uma síntese do *ethos* cultural de sociedades como as do sertão brasileiro, simultaneamente distantes dos centros urbanos e carentes dos deveres do poder público, obrigadas por motivações famélicas ou de vingança pessoal (a vendeta de sangue) a pactuar com as manifestações de violência e de desordem social.

No confronto entre estes dois intelectuais, desenha-se o projeto dialético proposto, o qual reside em uma leitura que tenta, ao mesmo tempo, atribuir sentido à história pela literatura e à literatura pela escrita histórica, ou seja, de um lado, a produção historiográfica de Eric Hobsbawm oferece um alargamento da avenida interpretativa do universo estético de Guimarães Rosa enquanto, por outra via, a fotografia (ainda que muito peculiar) fornecida do jagunço nordestino em *Grande sertão: veredas* expande um pouco mais o tema do banditismo social elaborado por esse historiador, o qual, modestamente, nunca pareceu demandar um esgotamento completo desta pesquisa como se observa em sua produção de mais de quarenta anos enfeixada no póstumo e já lembrado *Viva la revolución*.

A busca de um novo amanhecer revolucionário

Além da eclosão dos movimentos reformistas, outro fato de destaque decorrido na travessia do século XIX para o XX foi a modificação nos rumos da escrita historiográfica, a qual transformou substancialmente a relação entre o homem ocidental e o tempo social.

Observador em um horizonte diverso, o saudoso ensaísta George Steiner (1929-2020) enfatizou que a História anterior a 1789 “havia sido, em larga margem, privilégio e terror dos poucos” (STEINER, 1991, p. 23). Entretanto, com a escalada da burguesia, emergindo da *grande massa* do Terceiro Estado francês e liderando esse estamento social nos levantes revolucionários, grandes nomes como Victor Hugo (1802-1885) e, na Alemanha, Goethe (1749-1832), por exemplo, perceberam um deslocamento no foco historiográfico, cuja lente desde então deixava de mirar o interior dos grandes

palácios e salões cortesãos e passava a enquadrar o chamado homem comum para o qual essa disciplina se tornaria o seu ambiente, segundo o autor de *As ideias de Heidegger* (1982).

Enveredando pelo século passado, esta personagem — ao lado da mulher e seu duplo movimento de emancipação em relação, primeiro, ao espaço doméstico e sua obrigação patriarcal de procriação e, posteriormente, à inserção no mercado de trabalho — exerceu o papel de protagonista nas páginas históricas e literárias. Em passagens de *Era dos extremos: o breve século XX* (1994), seu livro mais difundido no Brasil, e nas dos ensaios de *Globalização, democracia e terrorismo* (2007), Eric Hobsbawm o torna ponto nevrálgico de seu longo trabalho, o qual recusa, terminantemente, uma leitura relativista da história, haja vista que para este pensador britânico o fato é algo incontornável. No cerne de um dos seus primeiros testemunhos sobre a escrita panorâmica de sua visão do século XX, “O presente como história” (1993) — quase um ano antes, portanto, de *Era dos extremos*, Hobsbawm já expõe as dificuldades de se lançar ao mar bravio da historiografia contemporânea correndo o risco, quase certo, de redemoinhar nos movimentos céleres deste período, mas, na época, próximo de se tornar um octogenário, o historiador lança mão de um trunfo não permitido a intérpretes mais jovens e imaturos, o olhar distante em relação ao passado.

Noutras palavras, a retrovisão, “arma final do historiador” (HOBSBAWM, 1998, p. 249) e recurso também utilizado pelo protagonista de Guimarães Rosa, Riobaldo Tatarana, o narrador de *Grande sertão: veredas*, sertanejo também idoso, cuja maior obrigação (ou prazer!) é se voltar de maneira sedenta às reflexões metafísicas com o escopo de, pelo entendimento dos fatos transcorridos em seu passado jagunço, entender a existência humana no equilíbrio entre as forças ambivalentes do Bem e do Mal. Em capítulo brevíssimo intitulado “Terceiro Mundo” — inscrito em sua autobiografia *Tempos interessantes* (2002) —, Hobsbawm revela quais foram as motivações mais próximas e as mais distantes que o levaram a voltar seus olhos para a realidade de países, cuja cruel classificação econômica e seus mercados no globo os deitam no famigerado título de subdesenvolvidos. Em primeiro lugar, a convivência do autor de *Revolucionários* (1973) com as sociedades dessas nações desenvolveu-se na Europa imperialista de meados de 1930, espaço para o qual os herdeiros das famílias mais abastadas das colônias do Velho Continente migravam com o objetivo de cursar o Ensino Superior para, posteriormente exercerem papéis importantes na construção político-social de seus países de origem, o que de fato aconteceu em diversas regiões da África e da Ásia no decurso dos anos de 1960, quando estas deixaram gradativamente de pertencer ao domínio europeu e a administração de suas complexas máquinas estatais passou para as mãos mestiças ou não de seus respectivos autóctones. Foi, portanto, no interior do espaço acadêmico

britânico que a geração de Hobsbawm travou seus primeiros contatos com habitantes das províncias do capitalismo, sobretudo, indianos oriundos das maiores cidades daquele país banhado pelo Índico.

Na virada da segunda metade da década de 1950, com o desencanto da ilusão soviética, o sonho imortal e em farrapos da Revolução de Outubro precisava de um novo berço para ser embalado e, como da primeira vez, este seria igualmente instalado nos territórios rurais — zonas diametralmente opostas àquelas idealizadas por Marx (1818-1883) em sua proposta de comunismo e historicamente à margem dos interesses capitalistas, devido a enormes distâncias em relação aos centros urbanos e aos serviços sociais por estes disponibilizados, necessitavam, na concepção de Hobsbawm, urgentemente das revoluções socialistas para os retirar da histórica invisibilidade em que se encontravam. Seja na Itália, para onde se irmanavam as aspirações partidário- ideológicas particulares de Eric Hobsbawm pós-1956, ou, seja para os países que compõem economicamente o Terceiro Mundo, tais como as nações que integram a América Latina, apesar de suas inquestionáveis debilidades domésticas, “divisão e incapacidade” (HOBSBAWM, 2002, p. 416) como registrou a memória desse intelectual.

Tais deficiências locais — perceptíveis graças à combinação tragicômica de uma modernidade superficial e um teimoso arcaísmo — mostraram-se em retrato de corpo inteiro a Hobsbawm quando ele visitou o Brasil pela primeira vez em 1962. E observou o país como um território organicamente ambíguo em que se erige simultaneamente dinâmicas metrópoles como São Paulo e, por outro lado, uma capital “inimiga” do desenvolvimento socioeconômico tal como a pobre Recife, localizada na topografia próspera para encenar o potencial das revoluções reformadoras lideradas por aqueles sujeitos que protagonizam a tradição dos cordéis. São nesses domínios, mas não somente nesses, que a contradição social forja diversos outros brasis, espaços onde a pobreza extrema produz uma população que “parece não ter tido uma refeição completa há dez gerações, raquítica, baixa e doente” (HOBSBAWM, 2017, p. 45) o que levou esse historiador a acreditar, em sua inaquebrável ilusão socialista, que o barril de pólvora da revolução havia de novamente explodir, agora no coração das trevas latino-americanas entre os anos de 1960 e 1970, como havia ocorrido há três décadas na mesma região que configuraria o Nordeste brasileiro.

Ainda que expressamente não levante bandeiras à esquerda ou à direita, João Guimarães Rosa se configura em um indivíduo — quer no papel de diplomata, quer no de ficcionista — em defesa do homem comum, obrigação que, nas palavras deste escritor, deve pairar acima do “compromisso para com um partido, uma ideologia” (ROSA, 1991, p. 330) não se permitindo, portanto, “presenciar injustiças” (ROSA, 1991, p. 334).

Para isto, arquiteta no conjunto de sua ficção, ambientada ou não em solo sertanejo como comprovam as narrativas que integram suas obras póstumas *Estas estórias* e *Ave, palavra*, uma atitude excepcional em prol da liberdade, como pede Walter Benjamin (1892-1940), e contra a criação do contingente de excluídos dos regimes políticos adotados pelos Estados assumidamente totalitários ou não, ou o que é pior, caracterizados como democracias plenas.

De acordo com as notas preliminares de Paulo Sérgio Pinheiro, expostas em “Estado e terror” — artigo inscrito na coletânea *Ética* (1992) — além das graves violações dos direitos humanos, outra agressão presente no “esquizofrênico” Estado moderno é a prática de segregações de grupos inteiros, o que leva este estudioso a pensar que

[o] mais democrático dos Estados é sempre regime de exceção para enormes contingentes. Loucos, prostitutas, prisioneiros, negros, hispânicos, árabes, curdos, judeus, ianomâmis, aidéticos, homossexuais, travestis, crianças, operários irão nascer e morrer sem terem conhecido o comedimento do Leviatã. As graves violações dos direitos humanos pelo Estado revelam a rotina do Terror no cotidiano das populações (PINHEIRO, 1992, p. 193).

Pelo menos quatro dessas categorias lembradas são catapultadas pela elaboração estética rosiana de suas margens sociais onde atuam como figuras degradantes e passam, ou a protagonizar o enredo das narrativas, ou — o que não deve ser considerado de pouca relevância — configuram papéis importantes para a economia literária de suas obras, as quais, a sua maneira muito peculiar enfrentam a grande preocupação que envolveu a todos os intelectuais engajados do século XX, a saber: as possíveis origens do mal e a problemática desse.

Pode-se inferir que essa questão está na síntese de *Rebeldes primitivos*, obra de Hobsbawm, nascida de três conferências ministradas por esse historiador na Universidade de Manchester em meados de 1956. Como produção ainda imatura do tema a ser por este desenvolvido, o banditismo social, este livro enfeixa um número reduzido de exemplos dos proscritos sociais, haja vista as limitações ocasionadas pela observação da evolução deste fenômeno apenas nas fronteiras do Continente europeu, sobretudo na Itália, e em apenas um lugar fora do Velho Continente, a estadunidense Carolina do Norte. Não obstante, é neste livro que aparece pela primeira vez, ao lado de depoimentos históricos de alguns bandoleiros surgidos no berço do Classicismo entre os séculos XIX e XX, o resumo² e a sistematização daquilo que viria a ser este ramo de pesquisa historiográfica,

² Entre aspectos como a invulnerabilidade do bandido e o esquemático uso da violência, Hobsbawm define o banditismo social como sendo, em linhas gerais, um fenômeno universal e virtualmente imutável, é mais do que um protesto endêmico de camponeses contra a opressão e a pobreza: um grito de vingança contra o rico e os opressores, um vago sonho de poder impor-lhes um freio, justificar os erros individuais. Modesta é a ambição dele: um mundo tradicional em que os homens sejam tratados justamente e não um mundo novo e perfeito. Ele se torna mais epidêmico do que endêmico quando uma sociedade rural que não conhece outros meios de autodefesa se encontra em condições anormais de tensão e

o capítulo “O bandido social” — que na primeira tradução brasileira, datada de 1970, aparece compreendido entre as páginas 25 a 46 —, o qual lançaria as bases para o aprofundamento deste estudo que abrangeria novos territórios a serem estudados como a Índia e a América Latina, em análises publicadas posteriormente em *Bandidos*.

Para a expansão deste plano de pesquisa, Hobsbawm decide visitar, na condição de bolsista da Fundação Rockefeller nos primeiros anos da década de 1960, os territórios americanos de língua ibérica, espaço que, como praticante da metodologia da história analítica, lhe fascinava grandemente neste período, pois “não havia intelectual na Europa ou nos Estados Unidos que não sucumbisse ao feitiço da América Latina, continente onde aparentemente borbulhava a lava das revoluções sociais” (HOBSBAWM, 2002, p. 396) e que, para o autor de *Ecos da Marselhesa*, representava, de forma invariável, “um laboratório de mudança histórica, primordialmente diferente do que se poderia esperar, um continente feito para minar as verdades convencionais” (HOBSBAWM, 2002, p. 410).

Seja por interesses de cunho pessoal, seja por consequência de uma gama de acontecimentos históricos casuais como o ingresso na militância comunista, Hobsbawm se liga (no interior do PC) ao grupo especificamente preocupado com o exame da história de países que vivenciaram a experiência colonial europeia, em síntese, os movimentos daquelas sociedades “não-brancas”, as quais a Europa intelectualizada desconhecia praticamente por completo. Tal constatação levou Eric Hobsbawm ao duplo movimento para retirar os homens comuns latino-americanos de seu estado de invisibilidade social. Primeiramente, como historiador, se afasta de seus pares acadêmicos ao realizar “esforços suficientes para compreender as pessoas que são diferentes deles” (HOBSBAWM, 1970, p. 13) e, depois, percebe que em um êxodo por melhores condições de vida “[a]s pessoas que vinham para as cidades eram pelo menos visíveis nas ruas, [enquanto] as que ficavam no interior eram duplamente remotas em relação às classes médias” (HOBSBAWM, 2002, p. 404) urbanas.

Um leitor habituado com a linguagem estética ou aquele voltado ao estudo sistemático da escrita dos filhos de Clio deve estar neste instante (quase na metade deste artigo) perguntando-se qual a relação que se quer estabelecer entre um ficcionista nascido na periferia latino-americana sem filiação ideológica ou partidária confessa com a produção de um historiador europeu branco convicto seguidor de Karl Marx? Deve-se pacientemente guiá-lo.

Quanto ao tema do banditismo social como desenvolvimento de certos levantes contra o modelo capitalista ocidental, é preciso recordar que o aspecto mais interessante aos olhos de

desmembramento. O banditismo social não tem quase organização e ideologia e não se adapta de forma alguma aos movimentos sociais modernos. Formas altamente desenvolvidas de banditismo que limitem uma guerra nacional de guerrilhas são raras e, em si mesmas, ineficientes (HOBSBAWM, 1970, p. 16. Grifo meu).

Hobsbawm nem é propriamente o histórico, mas o estético, mais precisamente a representação mitológica desenvolvida pela oralidade ou pela escrita erudita em torno da figura muito singular de um tipo de bandido que — por motivos de ordem pessoal ou coletivos — passa a desafiar as instituições do Estado, tomando pelo uso da força e da violência ou da barbárie (em alguns casos específicos) uma pequena porção daquilo que foi usurpado de toda a grande massa empobrecida.

Avesso aos preconceitos correntes entre os historiadores profissionais contra o uso da matéria literária para a interpretação dos fatos históricos, os quais o acusam de, em *Rebeldes primitivos* e em *Bandidos*, “utilizar como fonte, com pouco sentido crítico, a literatura e as lendas do banditismo” (HOBSBAWM, 2010, p. 212), Eric Hobsbawm responde a esta acusação de anti-teórico nas páginas de “Marx e a História”— décimo primeiro ensaio inscrito na obra *Sobre história* (1998), apoiado em seu método de leitura desta disciplina, que a ciência, toda ela, “é um diálogo entre diferentes opiniões baseadas em um método comum. Apenas deixa de ser ciência quando não há método para decidir qual das opiniões em contenda está errada ou é menos frutífera. Infelizmente, esse costuma ser o caso na história” (HOBSBAWM, 1998, p. 184).

Hobsbawm — diferente de muitos profissionais de sua área de atuação que preferem fixar-se em zonas de conforto de suas pesquisas — não é um historiador ortodoxo, haja vista a sua proximidade metodológica com outras abordagens tais como a Antropologia também seguida por outro discípulo do materialismo, o marxista clássico Eric Wolf (1923-1999) no *Europe and the Peoples without History* (1983). A propósito, o historiador acima viria a discordar de algumas das páginas enfeixadas nessa obra devido ao mau uso do conceito de modo de produção ao qual, em relação à noção de sociedade, o autor de *A era das revoluções* (1962) se volta para o tema do banditismo como — apesar das evidentes diferenças entre as sociedades humanas e suas interações — um conjunto de processos que inconscientemente se ligam sem com isto neutralizar a diversidade da independência das culturas.

De outra maneira, na tentativa de abarcar virtualmente uma totalidade do processo histórico, o que quer Eric Hobsbawm, em trabalhos como *Rebeldes primitivos* e *Bandidos* é lançar em uma mesma avenida, a do desenvolvimento capitalista, “os dois ramos da história”, os quais são, de um lado, a história das classes proletárias da indústria urbana e, de outro, as sociedades periféricas “teoricamente tradicionais” (HOBSBAWM, 2002, p. 187) e campesinas, estas, por questões óbvias, adentram na história econômica do Ocidente com passos em outro ritmo. Não obstante, este descompasso entre estes dois ramos históricos, na abordagem de Eric Hobsbawm, não configura um binômio, mas sim uma evolução na qual estes “dois ramos da história não passam de um só”

(HOBSBAWM, 2002, p. 187).

Lançando mão desta acepção de que, como explicita Hobsbawm, “macrocosmo” e “microcosmo” na história forjam uma única estrutura não é de se estranhar, portanto, o fato deste historiador fazer uso de expressões estéticas como o lendário Robin Hood “que era e é, essencialmente, um camponês revoltado contra os latifundiários, os agiotas e outros representantes daquilo que Thomas More (1478-1535) denominava de ‘conspiração do rico’” (HOBSBAWM, 1970, p. 14) em *Rebeldes primitivos e Bandidos*.

É preciso compreender que na interpretação que Hobsbawm faz do pensamento de Marx acerca do desenvolvimento do capitalismo ocidental, todo este processo deve ser observado como um desenvolvimento de natureza mista nas inúmeras sociedades tocadas por este modelo econômico, isto significa dizer que “devemos considerar os diversos caminhos que levaram às confluências e encruzilhadas nas quais, em certa etapa do desenvolvimento, essas áreas se encontram” (HOBSBAWM, 1998, p. 181). Ao deitar seu olhar sobre a figura do bandido, o autor de *Sobre história* não somente analisa as contradições existentes por detrás destes indivíduos singulares, defensores de uma nova ordem social, localizados nas bermas da estrada que nos leva ao capitalismo moderno e urbano, mas examina concretamente — e isto está na essência do pensamento de Karl Marx — o fracasso histórico de alguns movimentos sociais *sui generis* diante do titã de bronze em que sempre o capitalismo se constituiu.

Ainda que os escritos de Marx — e, por conseguinte, as teorias desenvolvidas pelos marxistas vulgares ou históricos — não tenha se voltado para o leitor como agente imprescindível da interpretação, tal como propôs Jauss em seus *Caminhos da compreensão*, essa abordagem amplia um pouco mais o horizonte de expectativas da obra rosiana *Grande sertão: veredas*, pois assim como Hobsbawm, Riobaldo em seu relato memorialístico descreve um universo que foi engolido pelo capitalismo, o jaguncismo mineiro, o qual, para além das representações dos extremos vivenciados no hemisfério, por detrás das práticas de violência, apresenta um conjunto de códigos e de condutas que ligam esta modalidade de banditismo social, ora aos cavaleiros das novelas medievais, ora aos heróis que assistem na *psique* romântica do século XIX.

Neste lúgubre espetáculo em que se caracterizou o século passado, coube à Europa o papel de principal tablado para a grande maioria das atrocidades cometidas contra os valores da humanidade, todavia a maldade já havia se espreado para territórios considerados economicamente periféricos, espaços onde os movimentos e as grandes catástrofes sociais, como as ocasionadas pelo período quase ininterrupto de quase três décadas de guerra, auxiliaram a construção de um exército de indivíduos

excluídos de suas sociedades.

Estes, em alguns casos, vieram a formar um contingente de “rebeldes primitivos” que em sua resposta, justiceira, violenta e vingativa, passou a desafiar as ordens políticas e socioeconômicas destes rincões, nos quais estes homens encontram-se historicamente à margem. São camponeses que, nas palavras de Eric Hobsbawm,

viveram, em geral, em sociedades nas quais veem a si próprios como um grupo coletivo separado e inferior ao grupo dos ricos e poderosos, embora seja frequente que, individualmente, seus membros dependam de um ou outro deles. O ressentimento está implícito nessa relação (HOBSBAWM, 2010, p. 22).

Uma vez mais, a análise de Hobsbawm revela que o fenômeno do banditismo social tem suas causas mais profundas naquele modelo democrático liberal, o qual, em suas inescapáveis crises cíclicas, produziu diversas mazelas sociais que, por muito pouco, quase levaram o Ocidente à derrocada quase total na primeira metade do século XX. Este desaparecimento do capitalismo só não ocorreu devido a uma das inúmeras contradições deste período, o auxílio dado pela URSS às nações liberais, o que, ao invés, de promover “a derrubada global do capitalismo”, fez “foi salvar seu antagonista, tanto na guerra quanto na paz” (HOBSBAWM, 1995, p. 17). Tão odiado pela direita política mundial, a presença do “socialismo real” foi responsável por mitigar uma parte da ganância dos ricos industriais que, pelo medo de uma eclosão de revoluções comunistas em grande escala, resolveram diminuir parte de seus monumentais lucros, transferindo-os para a promoção de políticas de bem estar social para as camadas mais pobres ou empobrecidas. Isto levou, por exemplo, a uma aceleração “da modernização de países agrários” (HOBSBAWM, 1995, p. 18), os quais, ao invés de diminuir as desigualdades entre ricos e pobres no campo, produziu, ao contrário, um aumento considerável da distância em meio a estes opostos e um estado permanente de violência, ainda que controlada, sempre à espreita.

É no seio desta contradição social camponesa que surge a condição primordial para o aparecimento do bandido rural, o qual deve, segundo a proposta de Eric Hobsbawm, vir obrigatoriamente “dos pobres” (HOBSBAWM, 1970, p. 34), entre os quais, este marginalizado pelo poder público goza das distinções de honestidade e de heroísmo, o que o lança para fora dos domínios do “submundo” vulgar, onde assistem, na mentalidade popular, dois outros paradigmas de fora-da-lei, o criminoso e o espúrio ladrão. Desta maneira, fica claro que o sucesso deste proscrito depende de sua aceitação por parte da sociedade camponesa ou rural — fator que estabelece toda a diferenciação entre aqueles considerados “nobres” e “bons”, daqueles sentenciados pela massa como “maus” — que, por conseguinte, espera deste e de seus semelhantes, atitudes como a correção dos erros e o

desagravo às injustiças cometidas contra os mais necessitados e abandonados pelo Estado. São, na mentalidade da população mais simples, espécies de príncipes disfarçados, promovendo, senão a revolução, ao menos, a reforma social do espaço no qual atuam livremente. Lembram, portanto, nas palavras de Ítalo Calvino, os grandes heróis da literatura, uma vez que

[no] inconsciente coletivo, o príncipe disfarçado de pobre é a prova de que cada pobre é na realidade um príncipe que sofreu uma usurpação e que deve reconquistar seu reino. Ulisses ou Guerin Mesquino ou Robin Hood, reis ou filhos de reis ou nobres cavaleiros caídos em desgraça, quando triunfarem sobre seus inimigos hão de restaurar uma sociedade dos justos em que será reconhecida sua verdadeira identidade (CALVINO, 1993, p. 21).

Como está relacionado diretamente aos movimentos de negligência do Estado de direito e o papel exercido por este de provedor de bem estar social que lhe é atribuição, o banditismo, todavia, tem o seu cordão umbilical ligado às ordens socioeconômicas e políticas vigentes, as quais deve, em sua existência, desafiar, e sem as quais não pode emergir ou sobreviver. Foi o que aconteceu na passagem do século XIX para o XX quando houve uma gradativa repressão do Estado e seu poder absoluto sobre as massas populares

Na verdade, foi essa concentração de poder no moderno Estado territorial que acabou por eliminar o banditismo rural, endêmico ou epidêmico. No fim do século XX parece que esta situação talvez esteja para terminar, e as consequências dessa regressão do poder do Estado ainda não podem ser previstas (HOBSBAWM, 2010, p. 29).

Guimarães Rosa, por sua vez, em *Grande sertão: veredas* (1956) construiu personagens sobreviventes desta brutalidade e dos desmandos advindos, de um modelo muito peculiar de “banditismo social”, o não catalogado pela tipologia hobsbawmiana jaguncismo mineiro que instaurou naquela porção que, futuramente, viria ser reconhecida como a Região Nordeste do país um acontecimento específico na passagem do século XIX para o XX, a eclosão dos primeiros Estados-paralelos de origem rural, dominados por controversos grupos sociais de bandoleiros armados, ambíguos como foram quase todos os passos trilhados no “breve” século passado.

O sertão perdeu suas paredes

No muro de fronteira que aparta a História da Literatura brotam, como se pode denotar, fissuras geradoras de aproximações entre a produção ficcional e a narrativa histórica, como se dá com *Bandidos* e *Grande sertão: veredas*, obras separadas por pouco mais de uma década, mas ligadas por sua pujança compreensiva do movimento do banditismo no século XX e, por que não

afirmar, da trajetória humana em meio às desintegrações dos velhos valores e das relações sociais como profetizou o já lembrado Marx. Utilizando-se destas brechas neste denso romance, Guimarães Rosa aproxima-se dos métodos da pesquisa histórica, focando a sua escrita naqueles grandes personagens do século XX, “as pessoas vulgares” como afirmou o convicto comunista Hobsbawm ao tratar destes indivíduos que, em sua eterna mobilização, mudaram consideravelmente o cenário deste breve século ao assumirem, inclusive papéis relevantes dentro da “administração da coisa pública” (HOBSBAWM, 2000, p. 46), como aponta o historiador.

Assim, o sertão rosiano atravessou vigorosamente o território agreste geograficamente demarcado, espreado-se por uma *universalização* de uma topografia comum a todo o Ocidente, fazendo de *Grande sertão: veredas* uma metonímia de todo espaço marcado com o ferrete da violência social e da espúria barbárie, estas capazes de se tornadas costume, produzirem uma espécie de pacto maléfico e necessário entre homens e forças infernais.

Riobaldo, ao longo de *Grande sertão: veredas*, é um destes homens de aparência comum — personagem que persegue as páginas da literatura e da história, e que, no entanto, foge da imagem esperada para um indivíduo caracterizado como tendo pouca instrução formal e ambientado em uma área periférica de um país, por sua vez, periférico do capitalismo — pois, segundo o escritor moçambicano Mia Couto, ele se traveste em “uma espécie de contrabandista entre a cultura urbana e letrada e a cultura sertaneja e oral” (COUTO, 2011, p. 113). Em seu presente narrativo é um velho fazendeiro que entretém num gosto particular de “especular ideia” (ROSA, 1956, p. 11) através de um diálogo com um sempre oculto interlocutor a quem dirige humildemente seus questionamentos sem nunca esperar deste ouvinte respostas, mas sim a sua cumplicidade com os argumentos que disserta sobre os grandes temas que envolvem a trajetória humana tanto no ambiente telúrico, quanto no plano metafísico. Demasiadamente sábio, Riobaldo rompe com a simplicidade da cultura rural que lhe cerca filtrando no interior da cultura popular, a das classes dominantes como fez, em certa medida, Lampião, o qual gostava de se ilustrar pelo hábito da leitura de periódicos como lembra o historiador Átila Soares da Costa Filho em “Temidos cangaceiros” (2020), e como quer a proposta de *circularidade cultural* de Carlo Ginzburg — grande nome da chamada “Micro-história” italiana.

O narrador do único romance rosiano sai de sua experiência de jagunço e das práticas de violência desta modalidade de banditismo com o seu pensamento profundamente sofisticado, tal como um Domenico Scandella (1532-1600?), vulgarmente conhecido como Menocchio — o moleiro italiano quinhentista do livro *O queijo e os vermes* (1976). Como essa figura, Riobaldo desenvolve o interesse pela especulação em uma fase na qual alcançou a sua estabilidade financeira como

latifundiário abastado para os padrões locais.

Mirando especificamente a complexidade do “labiríntico e infindável” (LOPES, 1970, p. 315) sertão rosiano, denota-se nesse espaço uma pluralidade de esquemas narrativos que se desdobram, dentro dos quais o escritor mineiro elabora a sua paisagem narrativa erguida a partir do real e profundamente maculada por um anacronismo social tipicamente brasileiro, cuja corporificação se dá mais visivelmente nas regiões mais remotas e paupérrimas do Estado nacional.

São nestes territórios — regiões miseráveis onde as mudanças demoram a acontecer e são facilmente coibidas pela massa refratária a estas que os movimentos desumanos e aniquiladores operam em toda a sua pujança. Suas principais vítimas são indiscutivelmente os mais necessitados residentes dessas zonas à margem do capitalismo sul-americano, grandes reféns das mais diversas representações de poderes paralelos personificados pelos coronéis, fazendeiros e suas milícias armadas, compostas por ferozes jagunços. É este o cenário propício no qual, na reflexão de Hobsbawm,

a crueldade implícita nas relações entre aqueles que se supõem “naturalmente” superiores e seus inferiores supostamente “naturais” apenas acelerou a barbarização latente em todo confronto entre Deus e o Diabo. Nessas escaramuças apocalípticas apenas um resultado é possível: vitória total ou derrota total. Não se pode conceber nada pior que o triunfo do Diabo. [...] Em semelhante luta, o fim necessariamente justificava *quaisquer* meios. **Se a única maneira de derrotar o Diabo era por meios diabólicos, era isso que tínhamos que fazer.** [...] Se o outro lado é diabólico, então, devemos supor que empregarão meios diabólicos, mesmo que no momento não estejam fazendo isso (HOBSBAWM, 1998, p. 273. Grifos meus).

Na leitura proposta neste trabalho, há, portanto, uma reinterpretação histórica do metafísico, uma das marcas mais importantes desse romance, que passa a ser um símbolo da realidade factual do Ocidente, uma vez que um dos aspectos que compõe, na mentalidade popular, o caráter da figura lendária do bandido social é a sua invulnerabilidade mediante proteção de forças feéricas contra as violências provocadas pelos inimigos mortais. Para o Mal ou para o combate deste, Guimarães Rosa dotou alguns de seus personagens com o selo do pacto satânico.

Em *Grande sertão: veredas*, por exemplo, Guimarães Rosa sela esse acordo feito por seu herói com Satã como uma alegoria de um consórcio necessário e inescapável, pois sendo jagunço e sertanejo, o sujeito faz-se próximo do Mal de forma inata, tornando-se um pouco pactário também já que “quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio” (ROSA, 1956, p. 11). Pensando na metáfora desta personagem de que “jagunço é o sertão” (ROSA, 1956, p. 307) e este espaço metaforiza todo o território brasileiro (e quiçá, o globo), lembro das palavras do ensaísta lusitano Óscar Lopes (1917-2013) que afirma:

o pacto com o Diabo é concretamente inevitável, quer na vida individual, quer na política. O *Leit-Motiv* do romance pode com efeito formular-se abstractamente [*sic*] como segue: nós estamos todos sujeitos a um pacto diabólico, somos todos *pactários*, o drama do Fausto é inerente a todas as situações historicamente conhecidas dos homens. Somos uns doidos, um turbilhão de doidos em lutas de bandos, e *o Diabo na rua, no meio do redemoinho*, o Diabo que de resto não existe e, todavia, nos arma, porque ele afinal não passa da alienação, historicamente necessária, do homem ao homem (LOPES, 1970, p. 320. Grifo meu).

Esse acordo maléfico é extremamente importante na economia do *Grande sertão: veredas* e inevitável para os seus protagonistas — seja para que esses vençam a jornada maior de suas vidas que é a travessia pelo desértico Liso do Sussuarão em demanda pelos assassinos traidores Ricardão e Hermógenes, seja para finalmente triunfar sobre esse último jagunço mau transfigurado em *nêmesis* de Riobaldo e de Diadorim, assim como, em escala ampliada, dos modelos capitalistas e urbanos no *hinterland* brasileiro.

Dentro de uma leitura panorâmica do extraordinário século XX, o pacto satânico se faz um fenômeno incontornável para as personagens rosianas que surgem menos reféns de suas obrigações do que da crueldade imposta pelas relações sociais da primeira metade do século passado em que civis e gente popular são — como afirma José Saramago (1922-2010) de uma mirada demasiadamente próxima do franco-argelino Louis Althusser (1919-1990) e da abordagem deste acerca dos chamados aparelhos ideológicos do Estado — constantemente violentada pelo braço de “Uma Igreja tão cúmplice como beneficiária do poder do Estado e dos terra-tenentes latifundistas, gente permanentemente vigiada pela polícia, gente, quantas e quantas vezes, vítima inocente das arbitrariedades de uma justiça falsa” (SARAMAGO, 2013, p. 77).

Não é à toa que — independentemente das origens e das motivações responsáveis por lançar jovens pobres das zonas rurais para os bandos armados, revolucionários ou não, — em sua leitura do banditismo social ao redor do globo, Eric Hobsbawm denota que estes indivíduos geralmente jovens, além dos aspectos inconformista e avesso a estranhos, quando precisam escolher uma proteção metafísica, “tomam o lado do diabo e não o de Deus” (HOBSBAWM, 2010, p. 62).

Diferentemente do que ocorre na tradição dos bestiários e na dos romances europeus, o contrato de Riobaldo com o demônio não se dá mediante a materialização factual deste — ou obedecendo todo o ritual humano e mágico tipicamente romântico e burguês do século XIX, ou quaisquer outros em que surjam a figura clichê do comerciante sedutor e eloquente que negocia sonhos e desejos mediante a palavra assinada do comprador e posterior quitação da dívida contraída com a entrega de almas — mas, sobretudo, por uma nítida sensação de mudança nos traços da personalidade daquele chefe-jagunço, após o episódio vivido nas *Veredas Mortas*, instante revelador

da verdadeira morada do Bem e do Mal: as profundezas do coração humano.

Havendo ou não de fato o pacto, o mais importante desse contato maravilhoso encontra-se no papel organizador do Diabo no interior do enredo de *Grande sertão: veredas*, capaz de gerar — à maneira das divindades greco- romanas — na vida dos mortais a vingança, a repressão, o ódio e, acima de todas estas, um estado superior de justiça. Eis o mundo demasiadamente misturado a que se refere Riobaldo, lugar no qual ao invés das coisas apartarem- se, estas transitam incessantemente sem nunca se demarcarem em espaços definidos e imutáveis. Ao contrário, é de ambiguidades que se fazem o homem e o sertão de Guimarães Rosa — como os movimentos históricos que obrigaram as sociedades ocidentais a se camuflarem em meio aos combates vividos no século XX — nascendo o Bem nos domínios do Mal e, o que é mais recorrente, o Mal aflorando nos campos do Bem, ou — a título de comparação — como ocorre quase ao final da novela de Franz Kafka (1883-1924), *Na colônia penal* (1914) — narrativa curta cujo enredo surrealista antecipou, em uma espécie de antevisão, as máquinas mortíferas responsáveis por algumas das atrocidades cometidas contra a humanidade que os regimes totalitários causaram ao mundo —, quando o explorador estrangeiro alcança o túmulo do antigo comandante local e, finalmente, pode ler o epitáfio, nós, leitores e intérpretes da matéria literária, alcançamos a ironia presentes, reveladas pelo narrador heterodiegético, nas palavras lapidares e reveladoras da atitude do Mal absoluto em mimetizar o seu oposto cósmico: “Aqui jaz o antigo comandante. [...] Existe uma profecia segundo a qual o comandante, depois de determinado número de anos, ressuscitará e chefiará seus adeptos para a reconquista da colônia. *Acreditai e esperai!*” (KAFKA, 1998, p. 69) (grifos meus).

Neste instante da escrita kafkiana forma-se a metáfora na qual as forças maléficas não desaparecem por completo, apenas descansam em seu repouso subterrâneo à espera de novas oportunidades fornecidas por aqueles seus históricos servos e pactários que lhe emprestam o coração como morada, os homens. Não sendo, portanto, extinguível, o Mal demanda, como ensina Riobaldo, os “crespos” humanos, razão pela qual o protagonista de *Grande sertão: veredas*, da maturidade em que se encontra no presente de seu relato, recorra a todos os paradigmas religiosos ao seu alcance. Esta atitude nada tem a ver com a busca de uma ascensão espiritual, tal como almeja Augusto Matraga no enredo da última narrativa de *Sagarana* (1946), mas para bloquear as saídas para o Demônio que nos habita, incansável em sua luta para romper as sempre tênues fibras da civilidade e da liberdade nos diversos espaços sociais.

Isto porque o século passado promoveu um aumento considerável da violência, fazendo o Inferno emergir de seu sono secular, ou de acordo com George Steiner

[p]ode ser que a transformação do Inferno em metáfora tenha deixado uma lacuna formidável nas coordenadas de que a mente ocidental dispõe para localização, para reconhecimento psicológico. Não ter nem Céu nem Inferno é ficar intoleravelmente carente e solitário em um mundo que se tornou plano. Dos dois, o Inferno demonstrou ser o mais fácil de recriar (STEINER, 1991, p. 66).

É, no mínimo, intrigante como Guimarães Rosa constrói, em *Grande sertão: veredas*, um romance que triunfa esteticamente, apesar de abandonar um dos aspectos estruturantes deste gênero literário: o *tempo*. A negligência à descrição cronológica ocorre mesmo diante da exposição de fatos documentados, numa atitude clara de manter o relato autobiográfico do protagonista *atemporal*, constituindo-se o tempo como fator não primordial das composições ficcionais produzidas no século XX. Como ilustração disto, destaca-se o momento em que Riobaldo descobre as origens de Diadorim:

Este papel, que eu trouxe — batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos [grifo meu]... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* [...] (ROSA, 1956, p. 590-591).

Diante de poucos dados cronológicos que escapam fortuitamente, do enredo de *Grande sertão: veredas*, Roberto Schwarz, numa interpretação arriscada, localiza o cenário ficcional do romance rosiano dentro do período de 1917, época em que se instaura, na concepção de Eric Hobsbawm, a Era da Catástrofe, marcada por manifestações político-sociais ao redor do globo, compreendidas no período entre guerras, em que as “frágeis” democracias mundiais, “como mostra a experiência, requerem inimigos endemonizados” (HOBSBAWM, 1998, p. 272). Aqui se desenha o caminho que me leva a aproximar a produção de Hobsbawm e de Guimarães Rosa, a preocupação de ambos em destacar, em primeiro plano, o homem em detrimento dos acontecimentos históricos e dos espaços geográficos.

Supremo senhor das metamorfoses, o Diabo encarna na produção literária do Ocidente a materialização dos desejos impossíveis e necessários levando indivíduos inscritos em territórios em profunda crise social — como os espaços de *Grande sertão: veredas* e *Dr. Faustus*, de Mann — ao contrato pactual com as esferas inferiores, metáforas, por assim dizer, da violência e da barbárie. As formas como se operam os contratos diabólicos distinguem-se, entre si, sobretudo pela natureza deste encontro, no qual o indivíduo busca pelas forças maléficas no intuito de realizar aventuras antes não possíveis pela sua condição paupérrima e/ou mortal, aprendendo, por fim, parafraseando Eric Hobsbawm, a se habituar ao que é desumano, tolerando o que não é tolerável, em outras palavras, promovendo a desintegração

do que poderíamos chamar de projeto do Iluminismo do século XVIII, a saber, o

estabelecimento de um sistema *universal* de tais regras e normas de comportamento moral, corporificado nas instituições dos Estados e dedicado ao progresso racional da humanidade: à Vida, Liberdade e Busca da Felicidade, à Igualdade, Liberdade e Fraternidade, ou seja, lá o que for (HOBSBAWM, 1998, p. 269).

Sem a ínfima perspectiva de fuga do embate entre as forças metafísicas e factuais do Bem e do Mal, as personagens rosianas — tal como os bandidos sociais observados por Eric Hobsbawm — caminham, lançando-se em perigos e peripécias dignas dos grandes combates épicos quer da Antiguidade Clássica, quer das épocas das Cruzadas da Idade Média, tentando demandar Deus e a vida por meio de um jogo de enfrentamentos que possui tanto das manifestações anacrônicas de poder paralelo, quanto de experiências oriundas da insegurança, ainda na atualidade, sentidas nas grandes metrópoles e em pequenas cidades. É interessante observar como a construção ficcional de Guimarães Rosa reelabora o conflito latente entre as experiências anacrônicas da tradição local e os usos modernos da contemporaneidade urbana, através das contradições e ambiguidades humanas transpostas, pela palavra literária, para as esferas sociais. O procedimento adotado por Riobaldo não se constitui numa regra inscrita no código dos malfeitores sertanejos, apesar de estar longe de ser inverosímil como atesta Hobsbawm em *Bandidos*. Na leitura do historiador acerca deste paradigma de foras da lei, meio ladrões, meio heróis, originados em zonas periféricas do capitalismo moderno, eram estes, muitas vezes, “mencionados como ‘bandidos bons’” (HOBSBAWM, 2010. p. 11), o que parece corroborar o relato de Riobaldo ao identificar que, entre os jagunços com os quais conviveu, quase todos tombaram para o banditismo por motivações nobres (ou até mesmo vulgares), sendo o único indivíduo vil em sua essência o cruel Hermógenes.

Em épocas de guerras e de poderes paralelos como o jaguncismo, em que “viver é negócio muito perigoso” (ROSA, 1956. p. 12.), a cumplicidade da palavra literária e do ofício do historiador são de suma importância não só como testemunho das práticas de desumanidade dos regimes políticos ditatoriais, mas como agentes de militância contra o barbarismo mundial e de recriação de ideais e de belezas outrora lançadas à margem do cotidiano da humanidade.

No caso específico da criação estética recordo a afirmação segura de Albert Camus (1913-1960) de que “[s]e o mundo fosse claro, não existiria a arte” (CAMUS, 2019, p. 116), portanto, a literatura por sua natureza específica não se contenta só com os elementos postos pela ciência e acaba por buscar o “não- contável” da História, isto é, a porção de utopia que anima nacionalidades e que não é percebida pelos historiadores, mas que pode ser construída pela linguagem presente na ficção de escritores contemporâneos, última (e talvez única) forma de resistência humana diante das manifestações de violência e barbárie que reduziram significativamente a civilidade no ainda

nebuloso século passado.

Conclusão

O presente artigo construiu-se basicamente a partir de uma pesquisa bibliográfica da produção de Eric Hobsbawm e de Guimarães Rosa, com destaque para títulos como *Sobre história; Era dos extremos; Tempos interessantes Rebeldes primitivos e Bandidos, Viva la revolución* do primeiro e *Grande sertão: veredas* do segundo intérprete do século XX.

Tendo o intuito maior de alargar o horizonte de expectativas da recepção crítica rosiana, o presente trabalho utilizou-se do método comparatista e de uma proposta dialética em que, na busca por uma totalidade progressiva como ensina Hans Robert Jauss em produções como *Caminhos da compreensão*, o sentido da obra estética pode ser dado (e deve ser procurado) no exterior das páginas literárias, o que forneceria ao leitor de literatura e, gostaria de acrescentar também, ao leitor de história novas perspectivas em relação ao texto ficcional.

Destarte, a produção histórica de Hobsbawm expande o universo interpretativo de uma obra que já apresenta volumosa recepção crítica como *Grande sertão: veredas*, ambientada no *hinterland* brasileiro, a qual, por sua vez, espraia o tema do banditismo social forjado por Hobsbawm entre o final da década de 1950 e o desfecho da de 1960 com as publicações de *Rebeldes primitivos e Bandidos*, respectivamente, uma vez que, nesta última obra, este historiador não lança luz sobre outra modalidade de bandos de celerados rurais: os jagunços mineiros tão significativos para a memória do regionalismo histórico e estético nacionais.

Regendo a sua produção estética dentro daquela tensão sempre fecunda que se estabelece entre a criação e a incorporação da tradição, Guimarães Rosa foi o nome de sua geração literária que melhor soube organizar as representações artísticas do mundo e do homem contemporâneo envolto em um período de práticas intoleráveis, tais como as manifestações de violência e de barbárie que reduziram a civilidade no globo.

Desde a publicação de *Sagarana*, em 1946, a obra de Guimarães Rosa se constituiu num complexo projeto literário que desafiou, e ainda hoje desafia, os pesquisadores dos Estudos Literários e mostra a cada investida no texto, uma nova faceta da ficção rosiana. Com uma das maiores bibliografias críticas da história literária brasileira, as narrativas do autor de *Grande sertão: veredas* já foram submetidas às mais variadas perspectivas de estudo. Considerando o aspecto quantitativo, o gigantismo bibliográfico de Guimarães Rosa, passados mais de meio século de recepção crítica de

Grande sertão: veredas, ainda é uma esfinge a lançar perguntas aos seus leitores.

Em uma Era de catástrofes — como bem definiu Hobsbawm ao longo de sua obra mais divulgada no Brasil, *Era dos extremos: o breve século XX* —, a literatura também foi marcada pelo conflito de forças e valores antagônicos emergidos desta época em que o pacto selado entre os indivíduos ocidentais e a escrita histórica e/ou estética trouxeram — seja para responder às questões metafísicas de um ex-jagunço, em *Grande sertão: veredas*, seja para sobreviver ao Mal supremo, nos contos de *Ave, palavra*, — à superfície as vozes enoitecidas e caladas das periferias do capitalismo.

Assim, o ato de narrar — derradeiro recurso de sobrevivência no violento *hinterland* rosiano — mostra-se relevante tradução artística de um pacto estabelecido entre os fios literários e os factuais na trama da compreensão da História recente, em que o desmoronamento de impérios e ilusões ocidentais refletiram em países como o Brasil, que vivenciou a experiência do Regime colonial, numa necessária afeição, também, das questões metafísicas com o objetivo de enfrentar a loucura que assola qualquer indivíduo na contemporaneidade, as práticas intoleráveis de épocas, como estas, de difícil compreensão, períodos de profunda escuridão enfrentados pelas páginas de Hobsbawm e de Guimarães Rosa, que desfazem imagens errôneas que muitas vezes construímos do Brasil, a de um país que em sua História contemporânea se fez amistoso e pacífico, quando, na verdade, este acompanhou a beligerância e a violência que contaminava diversas nações e territórios da Terra.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2019. COSTA FILHO, Átila Soares da. Temidos cangaceiros. *Leituras da história*, São Paulo, vol.136. p. 36-4, 2020.
- LORENZ, Günter W. **Diálogo com Guimarães Rosa**. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. *Obama fosse africano? E outras interinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HOBSBAWM, Eric John. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. HOBSBAWM, Eric John. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric John. **Rebeldes primitivos: Estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- HOBSBAWM, Eric John. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOBSBAWM, Eric John. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HOBSBAWM, Eric John. **Viva la revolución: a era das utopias na América Latina**. Org. Leslie Bethell. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- JAUSS, Hans Robert. **Caminos de la comprensión**. Madri: Machado, 2012.
- KAFKA, Franz. **O veredito** [1912]; **Na colônia penal** [1914]. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LOPES, Óscar. **Ler e depois**. Porto: Inova, 1970. v. 1, p. 313-365. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estado e terror. In: NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- ROSA, João Guimarães. In: LORENZ, Günter W. **Diálogo com Guimarães Rosa**. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.
- SARAMAGO, José. **Da estátua à pedra e discursos de Estocolmo**. Belém: UFPA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.
- STEINER, George. **No castelo do Barba Azul: Algumas notas para a redefinição da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Como citar este artigo:

TEIXEIRA, Evertó Luís. Hobsbawm, intérprete do *Sertão* de Guimarães Rosa. **Revista Narrares** – V.1, N.2, Jul-Dez, 2023, pp. 117-138.